



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

**EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
 INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL**

**USE OF MEDICINAL PLANTS IN THE TREATMENT OF DOMESTIC ANIMALS BY POTIGUARA
 INDIGENOUS PEOPLE OF THE STATE OF PARAÍBA, BRAZIL**

**USO DE PLANTAS MEDICINALES EN EL TRATAMIENTO DE ANIMALES DOMÉSTICOS POR
 INDÍGENAS POTIGUARA DEL ESTADO DE PARAÍBA, BRASIL**

Anne Evelyne Franco de Souza Xavier¹, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento¹, Valeska Shelda Pessoa de Melo¹, Kadson Emmanuel Frutuoso Silva², Dayana Inocêncio da Costa¹

e453128

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i5.3128>

PUBLICADO: 05/2023

RESUMO

O uso de plantas medicinais no tratamento de enfermidades em animais é uma prática difundida pelos povos originais do Brasil, a exemplo dos indígenas. Assim, objetivou-se neste estudo entender o uso de plantas medicinais por indígenas Potiguara do estado da Paraíba, Brasil, no tratamento de animais domésticos. Para isto, foram usados dados de um questionário aplicado à etnia Potiguara, que indagava sobre: quais plantas usam até hoje, para que usam e em quais animais costumam utilizar os tratamentos à base de plantas medicinais tradicionais do seu povo. Um total de 23 Indígenas participaram da avaliação, onde 31% são residentes da cidade de Baía da Traição e 69% são moradores distribuídos entre nove aldeias. 87% fazem uso de plantas medicinais em tratamento de animais domésticos. As ervas medicinais mais utilizadas em diversas afecções, são: Boldo (*Peumus boldus*), Canela de velho (*Miconia albicans*), Capim Santo (*Cymbipogon citratus*), Erva Cidreira (*Melissa officinalia*), Hortelã (*Mentha spicata*), Quebra Pedra (*Phyllanthus ninuri*). As espécies animais em que o povo indígena relatou empregar tratamento com plantas medicinais foram 57% da espécie felina, 84% canina, 14% equina, 14% bovina e 32% são usadas em aves. 69% relatam que o conhecimento sobre o tratamento de enfermidades por meio dos recursos vegetais é passado de geração a geração, revelando a manutenção da cultura tradicional e enfatizando a importância das plantas medicinais para os povos indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Animais. Fitoterapia. Nativos.

ABSTRACT

*The use of medicinal plants in the treatment of diseases in animals is a widespread practice among the original peoples of Brazil, such as the indigenous peoples. Thus, the aim of this study was to understand how to use medicinal plants by Potiguara indigenous people from the state of Paraíba in the treatment of domestic animals. For this, data from a questionnaire applied to the Potiguara ethnic group was used, which inquired about: which plants they use until today, what they use them for and on which animals they usually use treatments based on traditional medicinal plants of their people. A total of 23 Indigenous people participated in the evaluation, where 31% are residents of the city of Baía da Traição and 69% are residents distributed among nine villages. 87% use medicinal plants to treat domestic animals. The medicinal herbs most used in various conditions are: Boldo (*Peumus boldus*), Canela de velho (*Miconia albicans*), Capim Santo (*Cymbipogon citratus*), Erva Cidreira (*Melissa officinalia*), Hortelã (*Mentha spicata*), Quebra Pedra (*Phyllanthus ninuri*). The animal species in which the indigenous people reported using medicinal plants were 57% feline, 84% canine, 14% equine, 14% bovine and 32% are used in birds. 69% report that knowledge about the treatment of illnesses through plant resources is passed from generation to generation (such as from grandparents to grandchildren). Thus, revealing a maintenance of traditional culture and emphasizes the importance of medicinal plants for indigenous peoples.*

KEYWORDS: Animals. Phytotherapy. Native people.

¹ Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

² Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologia FACISTEC/ UNICENTRAL.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL

Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

RESUMEN

*El uso de plantas medicinales en el tratamiento de enfermedades en animales es una práctica muy difundida entre los pueblos originarios de Brasil, como los pueblos indígenas. Así, el objetivo de este estudio fue comprender cómo utilizan las plantas medicinales los indígenas Potiguara del estado de Paraíba en el tratamiento de los animales domésticos. Para ello se utilizaron datos de un cuestionario aplicado a la etnia Potiguara, en el cual se indagaba sobre: qué plantas utilizan hasta el día de hoy, para qué las utilizan y en qué animales suelen aplicar tratamientos a base de plantas medicinales tradicionales de su pueblo. Un total de 23 indígenas participaron en la evaluación, donde el 31% son residentes de la ciudad de Baía da Traição y el 69% son residentes distribuidos en nueve aldeas. El 87% utiliza plantas medicinales para el tratamiento de animales domésticos. Las hierbas medicinales más utilizadas en diversas afecciones son: Boldo (*Peumus boldus*), Canela de velho (*Miconia albicans*), Capim Santo (*Cymbipogon citratus*), Erva Cidreira (*Melissa officinalis*), Hortelã (*Mentha spicata*), Quebra Pedra (*Phyllanthus ninuri*). Las especies animales en las que los indígenas reportaron el uso de plantas medicinales fueron 57% felino, 84% canino, 14% equino, 14% bovino y 32% se utilizan en aves. El 69% informa que el conocimiento sobre el tratamiento de enfermedades a través de los recursos vegetales se transmite de generación en generación (como de abuelos a nietos) revelando así un mantenimiento de la cultura tradicional y enfatizando la importancia de las plantas medicinales para los pueblos indígenas.*

PALABRAS CLAVE: Animales. Fitoterapia. Nativos.

INTRODUÇÃO

A prática de emprego de plantas medicinais está na cultura da população há milênios, historicamente desenvolvida na sabedoria do senso comum, que inclui cultura e saúde, uma vez que essas vertentes não ocorram isoladamente, mas inseridas em um contexto histórico (PIRIZ *et al.*, 2006).

A utilização das plantas é antiga tanto quanto a espécie humana, sendo em diversas ocasiões o único recurso de alguns grupos étnicos e de bom alcance para a população por serem comercializadas nas feiras de rua e mercados populares (AMOROZO *et al.*, 1988).

O emprego de plantas medicinais vem desde a antiguidade, sempre foram empregadas para tratamento de doenças, desempenhando uma ação fundamental da saúde mundial. A fitoterapia é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde, sendo um tratamento viável, de custo baixo e de eficiência terapêutica comprovada (MORESKI *et al.*, 2018).

Nos anos 80 iniciou-se o interesse sobre o emprego da fitoterapia na medicina veterinária, originando a etnoveterinária (TOYANG *et al.*, 2007). A fitoterapia no Brasil está bastante ligada essencialmente às influências culturais indígenas, africanas e europeias. Os conhecimentos passados e adquiridos ainda são bastante empregados por muitos tutores e também por médicos veterinários no intuito de tratamento de doenças de rebanho e animais de companhia (AMORIM *et al.*, 2018).

Por diversas vezes, são encontradas, em suas próprias matas, soluções para algumas enfermidades e necessidades para o autocuidado dos indígenas e de seus animais. A utilização de medicações e uso de remédios caseiros oriundos das matas permite aos indígenas o “saber” e conhecer a flora em que vivem. Os índios possuem um grande conhecimento etnobotânico e esse



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocência da Costa

conhecimento faz parte da prática cultural indígena sobre a vivência existente entre seres vivos e o ambiente que são passadas de geração em geração para seus descendentes (GAUDÊNCIO *et al.*, 2020).

A utilização de plantas na terapêutica veterinária é uma grande alternativa para diversos tratamentos, sendo economicamente viável, de fácil acesso para tutores, ecologicamente correta, e, dependendo da dose e da forma administrada, sem ser prejudicial ao homem nem animal (ROYER *et al.*, 2013).

Para serem consideradas medicinais, as plantas precisam ter uma ação terapêutica significativa na utilização e aplicação em um ser humano ou animal, ajudando o corpo a auxiliar as funções fisiológicas afetadas (FIRMO *et al.*, 2011). Segundo Nascimento *et al.*, (2021), as plantas só são consideradas verdadeiramente medicinais, quando se é identificado o seu princípio ativo e este é avaliado farmacologicamente.

Diante do histórico da grande utilização de fitoterápicos, é de grande importância o conhecimento da população e a precisão de relacionar e envolver o conhecimento científico para uma boa aplicabilidade do uso das plantas (FIRMO *et al.*, 2011).

Objetivou-se neste estudo realizar uma avaliação do uso de plantas medicinais por indígenas Potiguara de diversas aldeias do estado da Paraíba, Brasil, no tratamento de animais domésticos, bem como investigar o acesso, a obtenção, a parte da planta utilizada e sua indicação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Etnoveterinária

A ciência que estuda as práticas que usam as plantas medicinais no tratamento e prevenção de afecções que ocorrem em animais é denominada de Etnoveterinária, já a ciência que identifica corretamente as plantas e seus princípios ativos dá-se o nome de Etnobotânica (CAMPOS *et al.*, 2016).

Com o início da humanidade nasceu também a prática do uso das plantas medicinais. Considera-se um dos atos mais remotos utilizados pela sociedade para cura, prevenção e tratamento de enfermidades, usando partes importantes que contêm fontes de compostos biologicamente ativa (TUSSI *et al.*, 2017).

A etnoveterinaria é obtida a partir de experiência, acarretando conhecimento prático e tradicional, que de modo oral foi difundido de geração em geração, das antigas para as mais novas. Manifestou-se interesse nos anos 80 sobre a documentação e veracidade da prática etnoveterinaria. Com todo esse interesse e estudo sobre a etnoveterinaria, vários estudos foram feitos e documentados, o que foi de grande importância para salvaguardá-los da extinção, já que vários indígenas tinham todo o conhecimento guardado apenas na memória (TOYANG *et al.*, 2007).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

2.2. Importância da etnoveterinária

O conjunto do conhecimento prático e crenças relacionadas à saúde do animal que deu origem à etnoveterinaria retrata toda experiência de alguns povos. Diante da curiosidade e trabalho com acertos e erros dos povos, adquiriram no decorrer de vários séculos da história, um rico conhecimento que por versão oral passaram para seus sucessores (ANDRADE, 2012).

Segundo Schons *et al.*, (2020), a etnoveterinaria tem uma grande importância, já que desempenha um papel relevante e necessário na preservação do saber e conhecimento tradicional, especialmente sobre as tantas plantas medicinais usadas no tratamento de enfermidades nos animais de produção, bem como nos animais de companhia.

Atualmente deve ser implantado e incentivado o estudo e a prática da fitoterapia por estudantes da medicina veterinária, para que futuramente sejam multiplicadores dessa área (ALMEIDA *et al.*, 2006).

Nos dias de hoje, a etnoveterinária requer muito da atenção de pesquisadores, principalmente dos cientistas que buscam trabalhar com a medicina sustentável. A medicina sustentável tende a combinar a medicina tradicional com os métodos médicos modernos, mas no intuito de fornecer um melhor serviço de saúde e que sejam menos desagradáveis ao animal e ao homem, evitando-se o uso de medicações alopáticas desnecessárias (MONTEIRO, 2010).

É importante estudar as práticas de utilização das plantas medicinais em tratamentos e prevenção de afecções em seres vivos. As condutas são de fácil aplicação, porém tem que ser levados em consideração fatores ambientais, o nível de princípio ativo depende muito da localidade onde são plantadas, para que tenha uma quantidade suficiente (CAMPOS *et al.*, 2016).

2.3. Etnobotânica

A etnobotânica tem como objetivo traduzir para o lado científico as informações quando uma comunidade tradicional descobre produtos com grande potencial terapêutico, sendo um atalho para desenvolver e pesquisar fármacos (ANDRADE, 2012).

As pesquisas da área etnobotânica contribuem também para alguns sistemas em que possa planejar e implantar práticas de conservação e desenvolvimento (ROCHA *et al.*, 2015).

Estudos da etnobotânica têm trabalhado diretamente com a população, sendo elas tradicionais, rurais ou urbanas. Por esses estudos têm-se projetado várias listagens de plantas que são utilizadas na medicina popular, mostrando as espécies nativas dos biomas do país, como também as exóticas (SÁ, 2006).

A etnobotânica é considerada um dos caminhos alternativos que mais cresceu e vem descobrindo produtos naturais com princípio ativo eficaz. Esses estudos das plantas consideradas medicinais podem vir a contribuir com várias informações consideravelmente úteis para estudos farmacológicos, fotoquímicos e agrônômicos (ANDRADE, 2012).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocência da Costa

2.4. Etnia potiguara do estado da Paraíba-Brasil

Vários documentários já foram feitos por alguns autores sobre a grafia do nome Potiguara: uns escrevem potiguaras, potiguar e pitiguaras, que significa “comedores de camarão”, e outros escrevem petinguares, que significando “mascador de fumo”. Conhecidos como povos guerreiros por defenderem bravamente seu território dos portugueses e de seus inimigos também indígenas, o povo Tabajara, aliados dos portugueses. Os Potiguaras lutaram ao lado dos franceses.

Os Potiguaras ocupam dois extremos opostos da história política local. De um lado, os Potiguara de Baía da Traição que tiveram sua presença oficializada na década de 1930 do século XX, sendo marcada pela política indigenista nacional. Do outro lado, os Potiguara de Monte Mor, que foram reconhecidos apenas no início do século XXI, mas que ainda sofrem perseguição e violência dos invasores (TARGINO, 2012).

Distribuídas no total de 32 aldeias, o povo Potiguara do estado da Paraíba, Brasil, foi registrado em 2004 com uma população de 10.837 indígenas. Esse povo é encontrado dividido entre os municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, 1.058 pessoas vivem na área urbana de Baía da Traição e 648 no município de Marcação (VIEIRA, 2021).

Em 2010 o IBGE afirmou que o município com maior população indígena entre 10 municípios avaliados nos últimos 10 anos foi Uiramutã (Roraima) com 88,1%. Destacam-se também os municípios de Marcação (77,5%) e Baía da Traição (71%) no estado da Paraíba, que estão em segundo e quarto lugar no ranking, respectivamente.

3 MÉTODO

O estudo foi conduzido com indígenas da etnia Potiguara, situados na região do litoral norte da Paraíba, Brasil, das cidades de Baía da Traição (Aldeia São Francisco, Aldeia Alto do Tambá, Aldeia Forte, Aldeia São Miguel e Aldeia Akajutibiró), Marcação (aldeias Caeira, Tramataia e Camurupim) e Rio Tinto (Aldeia Monte Mor). Foi disponibilizado um link com o questionário elaborado na plataforma do *Google Forms*, no aplicativo de mensagens Whatsapp, para alcançar indígenas que são integrantes dos grupos de mensagens, onde pudessem responder às questões. O formulário foi elaborado no mês de outubro e disponibilizado entre o dia 05 e o dia 19 de outubro de 2021.

De acordo com SÁ (2006), entrevistas estruturais, semiestruturais, das populações tradicionais e rurais, metodologia quantitativa quanto ao valor de uso e tabelas de diversidades são os métodos principais feito nos estudos sobre plantas medicinais.

Depois de obtidas as respostas dos participantes, os dados foram tabulados no editor de planilhas *Excel*, com isso foi utilizada estatística descritiva para formulação dos gráficos contendo as porcentagens dos resultados.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do questionário, pode-se traçar o perfil dos indígenas entrevistados: gênero, idade, escolaridade, local onde residem (4 questões); se já fez uso de plantas medicinais em tratamentos de animais (1 questão); as plantas que já foram usadas (15 questões); por quanto tempo foi utilizada no tratamento (1 questão); se é de fácil o acesso, onde são encontradas e como adquiriu conhecimento (3 questões); em quais animais utilizaram as plantas (1 questão) e para que foi empregada.

Houve uma adesão baixa dos indígenas, visto que, nem todas as aldeias têm um servidor de internet, e nem todas dispõem de sinal de internet adequado para que sejam abertos alguns tipos de links. 23 pessoas responderam ao questionário elaborado no Google Forms, das quais 65,2% eram do gênero feminino. 4,3% afirmaram ter entre 15-20 anos, 60,9% tinham entre 20 e 30 anos, 13% encontravam-se na faixa de 30 a 40 anos, também 13% tinham de 40 a 50 anos e 8,8% com mais de 50 anos. A maior porcentagem dos entrevistados corresponder à faixa etária de 20 aos 30 anos ocorreu em função de a maioria dos integrantes dos grupos, ao ser aplicada a pesquisa, serem jovens discentes do ensino superior. A menor porcentagem pode ser devido a inexistência da tecnologia nas mãos dos mais velhos ou a não adequação ao meio tecnológico, pois foi o meio onde o estudo teve origem.

Avaliando o grau de escolaridade dos entrevistados, constatou-se que 8,8% tinham ensino médio completo; 4,3% ensino médio incompleto (pessoas que por algumas dificuldades tendem a abandonar os estudos, mas vale ressaltar também que alguns desistem por baixa perspectiva de vida apresentada para esse povo; 65,2% ensino superior incompleto (essas pessoas vêm de um grande grupo de indígenas que começam o ensino superior, mas por motivos de custeios não conseguem concluir, visto que as universidades estão localizadas em outras cidades; e 21,7% ensino superior completo.

Embora o país tenha registrado muito progresso nos últimos anos, desde que a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, reconheceram o direito dos povos indígenas a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, ainda existem obstáculos significativos que impedem a garantia do direito à educação de qualidade para as crianças e os jovens indígenas, bem como sua progressão nos estudos (INSTITUTO UNIBANCO, 2021).

Os indígenas têm ainda hoje uma grande dificuldade de entrar no ensino superior. De acordo com Targino *et al.*, (2012), foi relatado que apenas 20 indígenas Potiguara estão na Universidade Federal da Paraíba e na Universidade Estadual da Paraíba. Há também estudantes na UnB (Universidade de Brasília), pelo fato da UnB incentivá-los e apenas dois em faculdade particular.

No quesito em que foi questionado onde moram, 31% dos entrevistados afirmaram que residem na zona urbana da cidade Baía da Traição e nas zonas rurais de Aldeia Alto do Tambá (13%), Aldeia Forte (5%), Aldeia Akajutibiro (13%), Aldeia São Miguel (13%) e Aldeia São Francisco (9%) (Figura 1). No município de Marcação, apenas 4% são residentes das Aldeias Camurupim, 4% da Aldeia Tracoeira e Aldeia Caeira também com 4%. Já na cidade de Rio Tinto, apenas Aldeia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

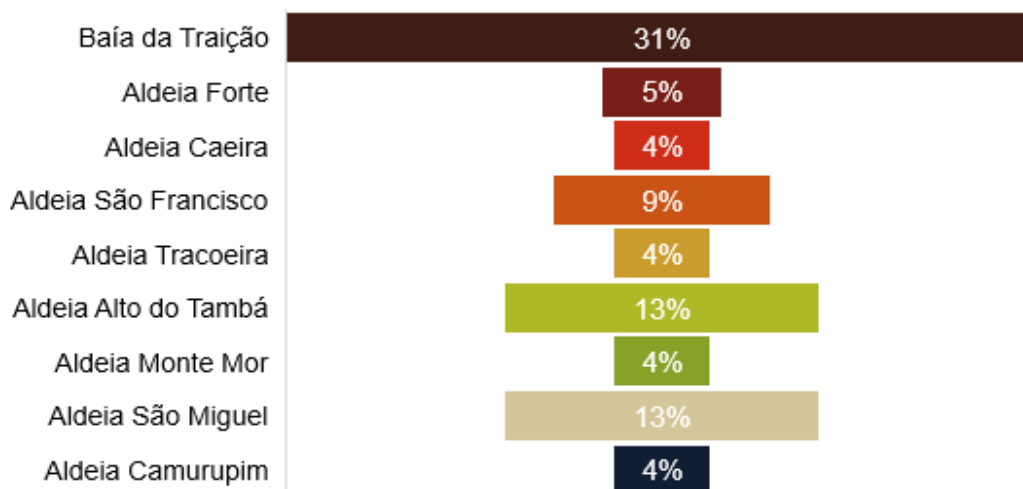
Monte Mor foi citada, também com 4%. Nota-se a escassez de entrevistados residentes das aldeias, uma vez que nas zonas rurais a internet é insuficiente, dificultando a participação de moradores das aldeias.

Segundo Cardoso *et al.*, (2011), 19 mil pessoas reconhecidas como indígenas habitam as cidades paraibanas de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Dentro delas ainda existem as aldeias localizadas numa área entre os rios de Camaratuba e Mamanguape, no litoral norte da Paraíba. As aldeias são concentradas em três terras indígenas, sendo no total 33.757 hectares de terra.

No ano de 1983 apenas as aldeias do município da Baía da Traição foram demarcadas, sendo homologadas em 1991. Em 1993 foram demarcadas no município de Marcação as terras de Jacaré e São Domingos, e as de Rio Tinto. No total são 36 aldeias Potiguara, governadas por um membro cujo nome se chama cacique. Qualquer problema nas aldeias deve ser repassado para o cacique (TARGINO *et al.*, 2012).

Na Figura 1 observa-se a distribuição dos entrevistados em suas respectivas aldeias.

Figura 1. Distribuição dos entrevistados em suas respectivas aldeias



Sobre o emprego de plantas medicinais em tratamento de animais, a expressiva maioria dos entrevistados afirmaram que já o fizeram (87%).

O uso das plantas medicinais em tratamentos é muito antigo e ainda hoje conhecido. Quando têm uma afecção, passando a sofrer de má digestão, por exemplo, os animais tendem a procurar no seu habitat natural meios que possam lhes tirar da situação, tendo muita semelhança com o homem. Vale ressaltar que nem tudo pode ser bom para o organismo, faz-se necessário saber quais plantas usar, onde usar e como usar (SALMÓRIA *et al.*, 2020).

O método de uso de plantas medicinais para tratar ou prevenir algumas doenças na criação de animais é um ato bastante antigo que vem dos ancestrais e ainda hoje é empregada por algumas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocência da Costa

comunidades, principalmente em regiões rurais. Os saberes e a prática popular ainda são usados pelos criadores e proprietários, para tratar e prevenir afecções de rebanhos e animais domésticos (SILVA *et al.*, 2021).

Entretanto, o emprego de plantas medicinais de forma inadequada, bem como a automedicação com fitoterápicos podem trazer alguns efeitos colaterais. Reações alérgicas são o primeiro dos sinais que podem se manifestar, causados por uso prolongado e inadequado. Diante disso é de grande importância ressaltar e idealizar uma política de educação da população, vindo a conscientizá-las sobre o uso das plantas nomeadas como medicinais e alguns medicamentos de origem naturais (SILVA *et al.*, 2021).

Entre as plantas medicinais empregadas pelos indígenas no tratamento de animais, fez-se o seguinte levantamento, com os respectivos percentuais de citação: Alcachofra (*Cynara cardunculus var. scolymus*) 8,70%; Arnica (*Arnica montana*) 8,70%; Babosa (*Aloe vera*) 56,50%; Barbatimão (*Stryphnodendron*) 47,80%; Boldo (*Peumus boldus*) 39,10%; Cajueiro (*Anacardium occidentale*) 39,10%; Camomila (*Matricaria chamomilla*) 21,70%; Canela de velho (*Miconia albicans*) 13%; Capim Santo (*Cymbopogon citratus*) 56,50%; Erva Cidreira (*Melissa officinalis*) 34,80%; Hortelã (*Mentha spicata*) 30,40%; Mastruz (*Dysphania ambrosioides*) 69,60%; Quebra Pedra (*Phyllanthus niruri*) 21,70%; e outros como óleo de coco, mamona, aroeira, fedegoso, terramicina, melão caetano, saião, barba de bode e pepaçonha, com 17,20%.

Os índios utilizavam a fitoterapia dentro de uma visão mística em que o pajé ou feiticeiro da tribo fazia uso de plantas entorpecentes para sonhar com o espírito que revelaria a erva ou o procedimento a ser seguido para cura do enfermo e, também, pela observação de animais que procuravam determinadas plantas quando doentes (BARBOSA, 2011).

Há tipos diferentes de formas de uso dessas medicações de origem fitoterápica, sendo preparadas para o uso interno, para ser ingeridas, e uso externo para serem utilizadas em mucosas e pele, devendo ser usada proporcionalmente de acordo com o problema. Outros meios de uso são: *in natura*, em pó, secas, torradas, amassadas ou inteiras. As preparações são à base de essências, macerações, tinturas, óleos, chás, cataplasma (BARBOSA, 2011).

Algumas plantas são muito promissoras, visto que são fontes de princípios para elaboração de novos produtos, no mundo há cerca de meio milhão de plantas no mundo, e muitas delas ainda não foram descobertas nem estudadas seus produtos quando se fala em potencial terapêutico, podendo ser exclusivamente necessária para tratamento em animais (SILVA *et al.*, 2021).

O uso da Alcachofra (*Cynara cardunculus var. scolymusse*) foi citado para tratamento de inchaço (35%), diarreia (25%), dores (15%), doenças do fígado e estômago (25%) (Tabela 1). A alcachofra tem efeitos terapêuticos comprovados: colagogo, colerético, antiespasmódico, antidiarréico, hepatoprotetor e antimicrobiano, auxiliando assim no tratamento de algumas afecções. Também é comprovado que usado junto com outra planta, o Cardo Mariano, age como



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

hepatoprotetor. Desta forma, essa associação atua de forma mais eficaz quando se fala de doença que acomete o fígado (VIRAQUE *et al.*, 2015).

Tabela 1. Ervas medicinais utilizadas em afecções de animais por indígenas da etnia Potiguara da Paraíba, Brasil

Afecções	Planta Medicinal						
	Alcachofra	Arnica	Babosa	Barbatimão	Boldo	Cajueiro	Canela de Velho
Corte		10	73				
Dores	15	80	9		28,92	7	9
Diarreia	25				23,32		
Endoparasitas		10	9				
Feridas				90		79	
Fígado e Estomago	25				28,92		9
Gripe			9				9
Inchaço	35			10	12,22	7	9
Obesidade					6,72		55
Tosse						7	9
Afecções	Planta Medicinal						
	Camomila	Capim Santo	Erva Cidreira	Hortelã	Mastruz	Quebra Pedra	
Ansiedade	13	34	14				
Corte						12	
Dores	6	6	7	12	5	13	
Diarreia		6	7				
Endoparasitas				29	11		
Estresse	81	23	43	6			
Fígado e Estomago		12		12	11	21	
Gripe		12	22	35	47		
Obesidade			7				
Tosse		7		6	26	12	
Infecção de ouvido						21	
Rins						21	

De acordo com Nascimento *et al.*, (2021) uma das doenças mais comuns em animais é a obesidade, principalmente em cães, tendo várias funções corpóreas alteradas, diminuindo seu tempo de vida. O que pode acarretar isto são alguns fatores como idade, predisposição racial, genética, falta de exercício, e alimentos não balanceados. Para tratar obesidade existem na fitoterapia medicamentos oriundos de plantas que podem tratar a doença, dentre elas está a Alcachofra (*Cynara scolymus*), que reduz o peso do animal, mas não isoladamente, junto com exercícios físicos. Além disso, um estudo em animais relatou uma redução de 30% no colesterol LDL “ruim” e uma redução de 22% nos triglicerídeos após o consumo regular de extrato de alcachofra (LIMA, 2021).

Alguns fatores podem aumentar o tempo de uso do medicamento ou planta, uma delas é o tipo de afecção a ser tratada. A alcachofra (*Cynara scolymus*) deve ser utilizada apenas pelo período de 30 dias (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

Em relação à Arnica (*Arnica montana*), os entrevistados relataram que fizeram uso em animais para tratar: dores (80%); cortes (10%); endoparasitas (vermes) (10%) (Tabela 1). A resposta



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

por algum agente estranho no organismo pode reagir de forma exacerbada, dando origem a inchaço por conta de alergias, algumas causas são picada de inseto, vacinas, e outros fatores. Segundo Nascimento *et al.*, (2021), a Arnica (*Arnica montana*) é uma boa proposta para o tratamento deste tipo de situação, vindo a reduzir o inchaço.

As afecções nas quais os indígenas empregavam a babosa (*Aloe vera*) foram: cortes (73%); tosse (9%); endoparasitas (9%) e gripe (9%) (Tabela 1). É cultivada para produção de medicamentos e cosméticos para os humanos, com princípio ativo que acelera a cicatrização, usado na medicina popular. Um teste em animais confirma o que é praticado pela população: é indicado para acelerar a cicatrização e aumento da proliferação das células (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

A Babosa (*Aloe vera*) é recomendada o uso para constipação e está sendo prescrita por ter ação imunoestimulante em lesões e inibir a cicloxigenase (BARBOSA, 2011).

Aloe vera é recomendada para tratar queimaduras de primeiro e segundo grau pela OMS, indicado até mesmo para irritações da pele, tratamento de pelo de animais, sendo uma erva clássica para tratar queimaduras (BARBOSA, 2011). Quando posta nas feridas com a pele lesionada, permite ter mais oxigênio, quando fornece o oxigênio a vascularização tende a aumentar, tendo uma quantidade de colágeno adequado para o processo de cicatrização, acontece a desinflamação, sucedendo a multiplicação das células epiteliais (MARCÊS *et al.*, 2017).

Os entrevistados utilizam Barbatimão (*Stryphnodendron* spp.) para tratar feridas (90%) e inchaço (10%) em animais (Tabela 1). O barbatimão (*Stryphnodendron* spp.) é nativo do Brasil e tem efeito adstringente. Rica em taninos, que condensados estimulam o processo de cicatrização. Abundante também em flobafenos e glicídio solúvel (PASSARETTI *et al.*, 2015).

Trabalhos já realizados mostraram que o barbatimão contribui para o processo de cicatrização. Quando empregada a fração de *S. obovatum*, foi observada que a cicatrização da epiderme demorou apenas quatro dias; já a *S. polyphyllum*, quando testada, foi observada a cicatrização no período de quatro a sete dias. O motivo dessa diferença é o teor de taninos condensados (PASSARETTI *et al.*, 2015).

O Boldo (*Peumus boldus*) foi citado em tratamentos do fígado e estômago (28,82%), dores (28,92%), diarreia (23,32%), inchaço (12,22%), obesidade (6,72%) (Tabela 1). O boldo (*Peumus boldus*) tem ação abortiva e teratogênica quando usada na gestação em animais, tem poucos estudos sobre a toxicidade desta planta, porém todas as plantas chamadas popularmente de boldos não são aconselhadas para uso em gestantes e provavelmente acomete irritação gástrica (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

O cajueiro (*Anacardium occidentale*) foi citado no tratamento de feridas (79%); dores (7%); inchaço (7%); tosse (7%) (Tabela 1). O *Anacardium occidentale* popularmente conhecido como cajueiro faz parte da família *Anacardiaceae* nativa da África, Índia e Nordeste do Brasil. Na medicina tradicional é usado extratos oriundos da casca, entrecasca, da castanha, das folhas e das raízes, e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelyne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

também da “goma” o exsudato para tratamento de febres e doenças de asma, afecções gastrointestinais e cutâneas (MARQUÊS, 2019).

A goma oriunda do cajueiro é produzida e estocada nas células da casca do tronco. É caracterizado como um exsudato e liberada quando há trauma mecânico ou quando há ataque de patógenos. É produzida em média 700g por árvore ao ano. Esta goma concentra várias propriedades biológicas, têm princípios ativos com função gastroprotetora contra ação do naproxeno está ligada a diminuição da peroxidação lipídica e da produção de radicais livres e aumento de muco na parede gástrica (MARQUÊS, 2019).

A planta medicinal Canela de velho (*Miconia albicans*) foi indicada pelos indígenas para tratar dores (55%); gripe (9%); tosse (9%); inchaço (9%); obesidade (9%); fígado e estômago (9%) (Tabela 1). O alto nível de fenóis totais observados no extrato metanólico de *M. albicans* correlaciona-se com o melhor resultado do teste de atividade antioxidante. Entre as substâncias mais conhecidas por seus efeitos antioxidantes estão polifenóis e galato. Os resultados obtidos através destes ensaios com atividade antioxidante demonstram que o extrato metanólico, fração n-butanólica e flavonóides isolados de *M. albicans* apresentam significativa atividade sequestradora de radicais livres, considerando que as substâncias naturais podem ser responsáveis pelo efeito protetor contra os riscos para vários processos patológicos (PIERONE *et al.*, 2011).

Vasconcelos *et al.*, (2006) avaliaram as atividades analgésica e anti-inflamatória do Ácido Ursólico e Ácido Oleanoico, principais constituintes do extrato de cloreto de metileno de *M. albicans*, em uma tentativa de esclarecer se esses compostos são responsáveis pelas propriedades analgésicas apresentadas por este extrato. Foi feito teste em edema da pata induzida por carragenina em ratos, a administração oral de Ácido Ursólico e Ácido Oleanoico (40 mg/kg) levou a um efeito significativo. Por outro lado, a administração da mistura de Ácido Ursólico e Ácido Oleanoico (40 mg/kg) produziu apenas atividade leve, se comparada ao efeito obtido com os compostos individuais.

As indicações da Camomila (*Matricaria chamomilla*) foram relatadas para tratamento de estresse (81%), ansiedade (13%), dores (6%). Um dos distúrbios mais frequentes é a ansiedade nos animais domésticos, assim como nos humanos, nos animais ocorre muito quando tem a ausência de apego, como em um caso de um cão da raça Bernese que se jogou do quarto andar de um prédio, pois estava sozinho no apartamento. A camomila age diretamente no sistema nervoso central, podendo ser utilizada no tratamento de alguns transtornos como a ansiedade e depressão (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

A camomila tem ação antioxidante, antiespasmódica e antibacteriana tendo eficácia para usar nas doenças inflamatórias do intestino, em tratamento do sistema como úlceras, espasmos gastrointestinais e gastrite. Embora não tenha registro sobre efeitos colaterais quando ingerido em grandes doses, é recomendado apenas em dose proporcional ao problema em pequenos animais (BARBOSA, 2011).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

O emprego do Capim santo (*Cymbopogon citratus*) foi citado nas seguintes afecções: fígado e estômago (12%); tosse (7%); gripe (12%); stresse (23%); diarreia (6%); ansiedade (34%). *Cymbopogon citratus* (Capim-santo) tem ação anti-helmíntica, antibacteriana, antifúngica, inseticida, diurética e anticarcinogênica, os óleos voláteis a-citral, b-citral e mirceno que são responsáveis por estas ações (BARBOSA, 2011). O Capim santo também tem empregabilidade no controle de parasitas (carrapatos) (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

Alguns estudos têm demonstrado eficácia do Capim santo (*Cymbopogon citratus*) sobre nematóides gastrintestinais de animais de produção. Essa ação se dá pelo extrato alcoólico das folhas. Essa planta possui em suas folhas um óleo essencial com atividade antimicrobiana, com ação semelhante à analgesia porque contém o mirceno, que é o princípio ativo da ação analgésica. Com função diretamente periférica, tem semelhança com o que é encontrado no ópio e dipirona (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Um teste relatou que quando posto o óleo essencial de *Cymbopogon citratus* a 25% em fêmeas de carrapatos *Rhipicephalus microplus ingurgitadas*, ocasionou morte de todas as fêmeas, obtendo-se 100% de eficácia (SANTANA *et al.*, 2015).

A Erva cidreira (*Melissa officinalis*) foi citada para emprego nos casos de estresse (43%); diarreia (7%); ansiedade (14%); gripe (22%); dores (7%); obesidade (7%). Erva Cidreira (*Melissa officinalis*) é rica em antioxidante natural, age potencialmente na doença de Alzheimer, do humor e desempenho cognitivo, tem algumas propriedades que podem aumentado a memória. Algumas formas combinadas são prescrita na medicina tradicional Iraniana, como *M. officinalis* e *Boswellia serrata* para melhoria da memória (MAHBOUBI *et al.*, 2016).

Teste realizados em ratos, com comida e água livremente, demonstraram que houve melhora na memória após administração dos extratos da planta, o que pode estar relacionado aos efeitos antioxidantes, anti-inflamatório ou anti-acetilcolina esterase, nas celulares doentes do cérebro (MAHBOUBI *et al.*, 2016).

A Hortelã (*Mentha spicata*) foi indicada para tratar endoparasitas (29%); dores (12%); fígado e estômago (12%); estresse (6%); tosse (6%); gripe (35%). A *Mentha spicata* tem ação antibacteriana, carminativa e antiespasmódica. Previne espasmos gastrointestinais, flatulências e náuseas, a dose indicada é de 1 ou 2 gotas de óleo para cada 10kg administrada na comida ou água (OZAKI *et al.*, 2006)

Espécie é bem cultivada no Brasil, por ter uma boa adaptação, a espécie *Mentha* possui alguns óleos essenciais, com funções biológicas que podem combater bactérias e fungos, outros compostos são carvona, que é parte mais notável da planta, e outro composto é o ácido rosmarínico, sendo um antioxidante polifenólico, com função atividades imunossupressoras, anti-inflamatório, antibacteriano e antiviral (CARVALHO, 2019).

Testes relatam que, em animais, proteínas sanguíneas não conseguem absorver o ferro quando chá de hortelã é administrado, fazendo-se necessário a administração em doses adequadas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

em pacientes anêmicos e crianças. Por via oral aumenta potencialmente os efeitos de drogas no sangue, um exemplo delas são: felodipino e sinvastatina. Quando administradas em animais aumentou o nível de ciclosporina no sangue (NICOLETTE *et al.*, 2007).

O Mastruz (*Dysphania ambrosioides*) é empregado para gripe (47%); endoparasitas (11%); dores (5%); tosse (26%); fígado e estômago (11%). As partes que são utilizadas do mastruz para problemas digestivo são predominantemente as folhas, mas também pode ser por inalação e fricções, em bronquites e usada na indigestão, cólicas, inflamação, não aconselhada para gestante em doses altas (FARINHA *et al.*, 2014).

O chá de Quebra pedra (*Phyllanthus niruri*) é empregado pelos potiguara no tratamento de infecção de ouvido (21%); fígado e estômago (21%); dores (13%); tosse (12%); corte (12%); além do tratamento alternativo de doenças renais com 21%. A planta quebra-pedra é uma das espécies vegetais mais disseminadas e presentes na medicina popular brasileira, de Norte a Sul, e com uma coerência a toda prova em termos de uso terapêutico no tratamento de cálculos renais (MARQUES, 2010). Popularmente no Brasil e em vários outros países, é usada para tratar cálculos renais. Estudos relatam que não há nenhuma toxicidade nem aguda nem crônica. Dados também relatam eliminação de cálculos. Na planta existe um alcaloide com a atividade miorrelaxante e antiespasmódica, facilitando a eliminação dos cálculos. Também tem extratos que foram eficazes em infecções por *Staphylococcus aureus*, incluindo as que são resistentes às metilinas. Outros estudos relatam que também tem função de IECA. Também é relatado que tem atividades espasmolíticas, analgésicas, antiviral, antihepatotóxica e hepatoprotetoras (visto resultados em animais com intoxicação alcoólica) (MARQUES, 2010).

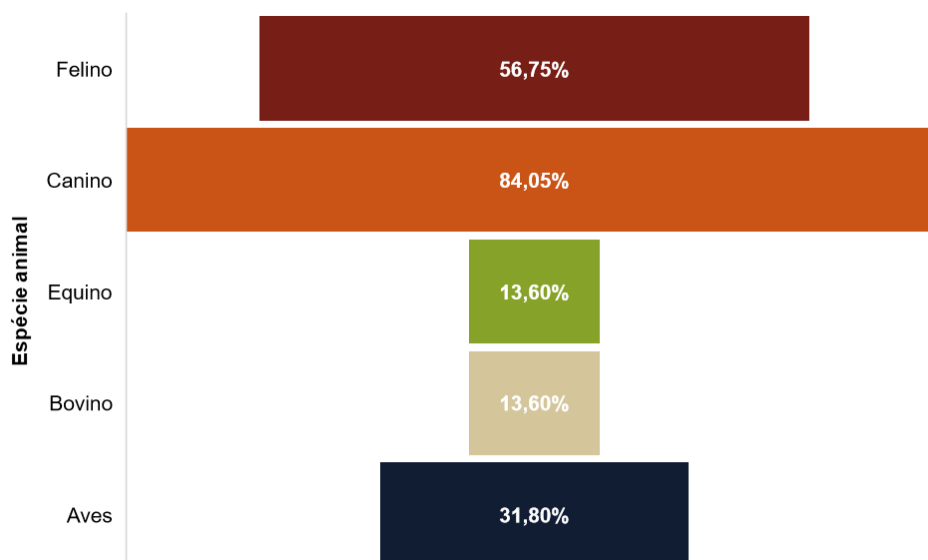
Ao questionar em quais animais já fizeram uso de plantas medicinais, foram citadas espécies como: felinos, caninos, equinos, bovinos e aves. Os entrevistados selecionaram as espécies de acordo com os animais que já foram tratados por eles, sendo 56,75 % felinos, 84,05% caninos, 13,60% equinos e bovinos e aves com 31,80% (Figura 2). As duas maiores porcentagens, que foram das espécies felina e canina, deve-se ao fato de que são as espécies mais domesticadas pela população.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelyne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

Figura 2. Espécies de animais tratadas por plantas medicinais por indígenas Potiguara



A procura por plantas medicinais para tratar animais vem aumentando gradativamente, principalmente pelo fato de que vários consumidores anseiam pelo uso de medicamentos ecologicamente corretos, em que não afete muito diretamente os organismos vivos não humanos e a atmosfera, na criação de espécies como bovinos, caprinos, ovinos, felinos e caninos (BARBOSA, 2011).

Cães e gatos são bastante tratados com plantas fitoterápicas com ação comprovada, para algumas doenças gastrointestinais, sendo que muitos relatos são apenas baseados em experiência popular, pois o estudo ainda é bastante escasso na veterinária (BARBOSA, 2011).

Sobre a facilidade de acesso às plantas medicinais, 91% afirmam que tinham muita facilidade, pois as plantas podiam ser adquiridas nos próprios quintais (56,52%), dentro da aldeia (30,43%) e nas matas (13,05%). Segundo Nascimento *et al.* (2021), o tratamento com as plantas medicinais têm um alto índice de utilização, pois é de baixo custo e fácil acesso, o que vai de encontro com os dados obtidos nesta pesquisa.

Sobre o meio que se adquiriu o conhecimento do uso das plantas para tratamento, 69,60% dos entrevistados afirmam que obteve o conhecimento através dos parentes, 26,10% falam que adquiriu através da cultura do povo que não necessariamente foi de parentes, mas de várias pessoas sem parentescos e apenas 4,30% falam que por experiência própria adquiriu o conhecimento necessário (Figura 3). Foi desta forma que o uso de várias plantas foram passadas de geração em geração, tendo início do uso pessoal, que passam para as demais.

Na terapêutica veterinária o uso das plantas é destacado como um tratamento seguro, viável, baixo custo e de fácil acesso. Os entrevistados afirmam que o conhecimento acumulado foi passado

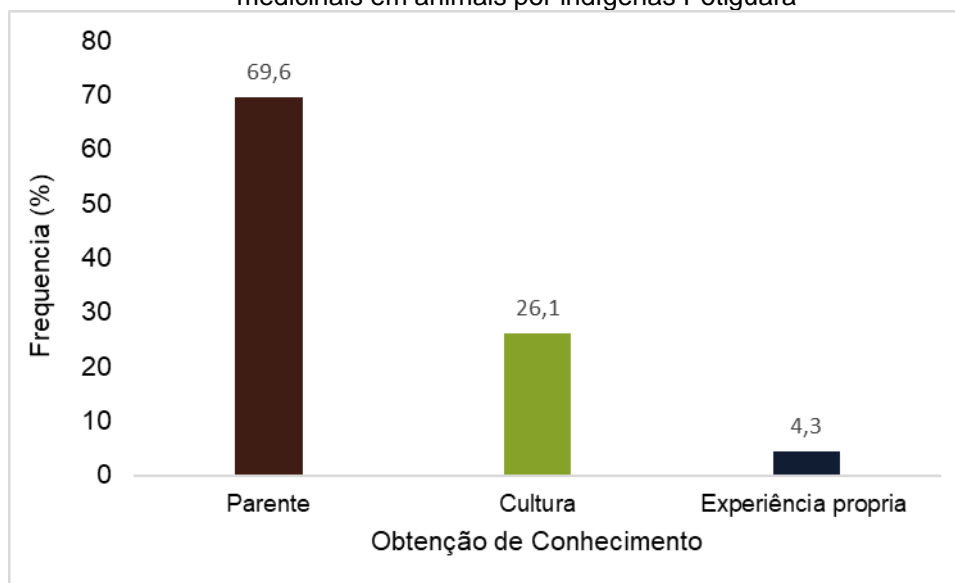


RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelyne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo, Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

por gerações. A população acumula uma abundância de conhecimento e informações sobre o ambiente, possibilitando a interação de ambos, e tirando dele recursos para sobrevivência (MARINHO *et al.*, 2007).

Figura 3 Formas de obtenção de conhecimento sobre o tratamento de afecções com plantas medicinais em animais por indígenas Potiguara



5 CONSIDERAÇÕES

A pesquisa sobre as plantas medicinais faz-se necessária para compreender que esta prática até então é usada para promoção da saúde, mesmo sem orientação médica. Esta pesquisa pode facilitar a ligação e diálogo da população com a comunidade científica, enriquecendo o conhecimento de ambos, permitindo então que não precisem abandonar os costumes, mas ainda com segurança, uma vez que no passado não havia essa ligação de ciência e tradição.

O estudo descreveu e apurou conhecimentos tradicionais, com diversos relatos que variam de acordo com cada indivíduo, resultado de um processo histórico cuja bagagem e vivência atravessa várias gerações.

Após ser feito o estudo, relata-se que várias plantas são utilizadas como recursos para terapias, principalmente para algumas afecções não urgentes, tais como gripe, tosse, dores e cortes, porém algumas ainda com pouco conhecimento científico, passando a ser ainda um risco para saúde. Através do presente estudo foi possível conhecer as principais espécies de plantas utilizadas em tratamentos fitoterápicos pelo povo Potiguara-PB, podendo futuramente servir de fonte de informação para outros estudos, além disto, vale destacar que este trabalho também contribui para agregar conhecimento científico ao conhecimento popular dos entrevistados, auxiliando no uso consciente e adequado das plantas medicinais. Este trabalho pode ainda servir como base para que outros estudos nestas temáticas sejam feitos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

Ainda assim, é de grande importância a implementação de programas e políticas públicas para orientação da população sobre o uso consciente de plantas medicinais. Focando no público que não tem acesso nem informação medicamentosa da área da veterinária, realizar intervenções nas cidades em que residem os entrevistados, informando sobre os benefícios e riscos do uso de tratamento fitoterápico no tratamento de animais sem nenhuma indicação adequada, como por exemplo, o risco de intoxicações por alguns tipos de plantas. As informações podem ser expostas por oficinas, brincadeiras, palestras e folhetos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA K. S. *et al.* Etnoveterinária: a fitoterapia na visão do futuro profissional veterinário. **Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável grupo verde de agricultura alternativa (gvaa)**, Mossoró-RN, v. 1, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2006.

AMORIM, R. W. *et al.* Estudo etnoveterinário de plantas medicinais utilizadas em animais da microrregião do Alto Médio Gurguéia – Piauí. **Pubvet**, Bom Jesus-PI, v. 12, n. 10, p.1-5, out. 2018.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por cablocos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série**, Belém, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988. Disponível em: <https://repositorio.museugoeldi.br/bitstream/mgoeldi/310/1/B%20MPEG%20BOT%204%20%281%29%201988%20AMOROZO.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ANDRADE, S. E. O. **Estudo etnobotânico e etnoveterinário de plantas medicinais na comunidade várzea comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil**. 2012, 54f. TCC (bacharel em Agronomia) - Universidade Federal de Campina Grande, Pombal-PB, 2012.

BARBOSA, J. M. M. M. **Uma abordagem da Fitoterapia na Medicina Veterinária**. 2011. 40 f. TCC (Graduação em Veterinária) - Universidade Federal de Campina Grande centro de saúde e tecnologia rural, Patos-PB, 2011.

CAMPOS, M. M. R. Estudos das plantas medicinais utilizadas em etnoveterinária. *In: 5ª edição do Simpósio de Saúde Ambiental*, Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), SP. 2016. 7 f. Disponível em: <file:///C:/Users/C%C3%A1ssia/Downloads/1479-5099-1-SM.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CARDOSO, T. M.; GUIMARÃES, G. C. **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília-DF: FUNAI, 2011. 120 p.

CARVALHO, C. R. S. **Potencial antioxidante e teor de compostos fenólicos dos chás de Hortelã (*Mentha spicata*), Camomila (*Matricaria chamomilla*) e Capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*)**. 2019. 43 f. TCC (Graduação em biotecnologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Patos de Minas, MG, 2019.

FARINHA, N.; PÓVOA, O. SANTOS, R. **Etnoveterinária no Alentejo: Recolha de conhecimentos tradicionais sobre utilização de plantas no tratamento de animais**. [S. l.: s. n.], 2014. 67 p.

FIRMO, W. C. A. *et al.* Contexto Histórico, Uso Popular E Concepção Científica Sobre Plantas Medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, São Luis, 2012. Disponível em:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL

Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

<file:///C:/Users/Rita%20de%20C%C3%A1ssia/Downloads/Contexto%20hist%C3%B3rico.%20uso%20popular%20e%20concep%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20sobre%20planatas%20medicinas.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GAUDÊNCIO, J. S.; RODRIGUES, S. P. J.; MARTINS, D. R. **Indígenas brasileiros e o uso das plantas**: saber tradicional, cultura e etnociência. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Coimbra, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Rita%20de%20C%C3%A1ssia/Downloads/171134-Texto%20do%20artigo-420111-2-10-20200712.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

IBGE. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010 primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Brasília: IBGE, 2010. 31p. Disponível em: file:///C:/Users/C%C3%A1ssia/Downloads/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.

INSTITUTO UNIBANCO. **Desafios Da Educação Indígena**: mais escolas e mais professores. Instituto Unibanco. São Paulo: Instituto Unibanco, 2021. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/desafios-da-educacao-indigena-mais-escolas-e-mais-professores/>. Acesso em: 22 out. 2021.

LIMA, A. L. Colesterol ruim (LDL): o que é e como saber se está alto. **Tua Saúde**, abr. 2021. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/colesterol-ldl/>. Acesso em: 22 out. 2021.

MAHBOUBI, M. **Administração combinada de extratos de *Melissa officinalis* e *Boswellia serrata* em um modelo animal de memória**. Kashan, IR Iran: Microbiology Department, Medicinal Plant Research Center of Barij Essence, 2016.

MARCÊS, P. L. *et al.* Avaliação da Atividade Cicatricial do *Aloe vera* em Feridas em Dorso de Ratos. **ESTIMA**, Goiânia (GO) v. 15, n. 1, p. 35-42, 2017.

MARINHO, M. L. *et al.* A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 9, n. 3, p. 64-69, 2007.

MARQUES, A. G. **Efeito de um biopolímero, goma do cajueiro, na colite induzida por ácido trinitrobenzenossulfônico em ratos**. 2019. 81 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MARQUES, L. C. **Phyllanthus niruri (Quebra-Pedra) no Tratamento de Urolitíase**: Proposta de Documentação para Registro Simplificado como Fitoterápico. 2010. 33 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Farmácia) - Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo, 2010.

MONTEIRO, M. V. B. **Estudo etnoveterinário de plantas medicinais com atividade anti-helmíntica**. 2010. 152 P. Tese (Doutor em Ciências Veterinárias) - Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

MORESKI, Danieli A. B.; MELLO, Eleri Vieira de Souza Leite; BUENO, Fernanda Giacomini. Ação Cicatrizante De Plantas Medicinais: Um Estudo De Revisão. **Arq. ciências saúde UNIPAR** v. 22, n. 1, 63-69, jan./jul. 2018.

NASCIMENTO, G. M. *et al.* Estudo do uso de plantas medicinais na medicina veterinária em plataformas virtuais. **Pubvet**, Brasília, v. 15, n. 04, a789, p. 1-13, abr. 2021.

NICOLETTI, M. A. *et al.* Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. **Infarma**, São Paulo, v. 18, n. 1/2, p. 32-40, 2007.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL

Anne Evelynne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

OLIVEIRA, L. S. T. et al. uso de plantas medicinais no tratamento de animais. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 5, n. 8, p. 1-8, 2009.

OZAKI, A. T. et al. fitoterápicos utilizados na medicina veterinária, em cães e gatos. **Infarma**, São Paulo, v. 18, n. 11/12, p. 17-25, 2006.

PASSARETTI, T. et al. Eficácia do uso do Barbatimão (*Stryphnodendron barbatiman*) no processo de cicatrização em lesões: uma revisão de literatura. **ABCS Health Sc**, Santo André- SP, p. 51-54, set. 2015.

PIERONI, L. G. Antioxidant Activity and Total Phenols from the Methanolic Extract of *Miconia albicans* (Sw.) Triana Leaves. **Molecules**, Bauru-SP, n. 16, p. 9439-9450, 10 nov. 2011.

PIRIZ, M. A. et al. Plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas: uma revisão de literatura. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 628-636, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbpm/a/vhQqk6dWv75JWWhYzZrj4yQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ROCHA, J. A. et al. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

ROYER, A. F. B. et al. Fitoterapia Aplicada A Avicultura Industrial. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia v. 9, f. 19. 2013. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2013b/CIENCIAS%20AGRARIAS/FITOTERAPIA.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SÁ, I. M. A interdisciplinaridade na pesquisa de plantas medicinais de uso tradicional. **Revista de ciências agroveterinárias**. Rio de Janeiro-RJ, v. 5, n. 1, p. 3-88, 2006.

SALMÓRIA, L. et al. Conheça as plantas medicinais que fazem bem aos animais. *In* Campo Real Excelência em Ensino Superior. Guarapuava-PR: Centro Universitário Campo Real, 2020. Disponível em: <https://guarapuava.camporeal.edu.br/blog/plantas-medicinais-animais/> Acesso em: 12 out. 2021.

SANTANA, D. C. **Uso de plantas medicinais na criação animal**. 2015. 241p. Tese (Pós-Graduada em Agroecologia) - Centro Científico Conhecer, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2015E/uso%20de%20plantas.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SCHONS, S. V.; ARAUJO, K. F.; MIRA, Á. B.; RODRIGUES, M. F.; BARBOSA, E. F.; BARBOSA, K. C.; SILVA, F. C. Conhecimento etnoveterinária dos produtores rurais dos municípios de Cacoal e Espigão D'Oeste/Rondônia. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 11, n. 4, p. 432-440, 2020. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2020.004.0036>.

SILVA, I. F. et al. Atividades biológicas de plantas medicinais utilizadas na Medicina Veterinária no Brasil entre 2000 e 2020: Uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, Petrolina, PE, v. 10, n. 8, p. 1-22, jul. 2021.

TARGINO, N. et al. Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Potiguara da Paraíba, Brasil. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, 2012.

TOYANG, N. J.; WANYAMA, J.; NUWANYAKPA, M.; DJANGO, S. **Medicina etnoveterinária**. Tradução: Rob Barnhoorn; revisão: Láli de Araújo. [S. l.]: Agrodok 44, 2007, p. 90.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

EMPREGO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR
INDÍGENAS POTIGUARA DO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL
Anne Evelyne Franco de Souza Xavier, Rita de Cássia Fernandes do Nascimento, Valeska Shelda Pessoa de Melo,
Kadson Emmanuel Frutuoso Silva, Dayana Inocêncio da Costa

TUSSI, A. C. *et al.* Tratamento de animais domésticos por meio de práticas tradicionais utilizadas no faxinal dos Kruger, Boa Ventura de São Roque – Paraná. **Mundo do trabalho**, Paraná, v. 18, n. 1, p. 151-171, abr. 2017.

VASCONSELOS, M. A. L. **In vivo Analgesic and Anti-Inflammatory Activities of Ursolic Acid and Oleanoic Acid from *Miconia albicans* (Melastomataceae)**. 2006. 482 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Franca, SP, Franca, SP, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/C%3%A1ssia/Downloads/10.1515_znc-2006-7-803.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

VIEIRA, J. G. **Potiguara**. Rio Grande do Norte: SESAI- Secretaria Especial de Saúde. Povos indígenas no Brasil. Indígena, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara>. Acesso em: 13 out. 2021.

VIRAQUE, E. P. **Atuação do *Silybum marianum* L. e da *Cynara scolymus* L. como fitoterápico para animais**: revisão de literatura. 2020. 6 f. TCC (Graduanda da Medicina Veterinária) - Centro Universitário da Região da Campanha, Bagé, RS, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/C%3%A1ssia/Downloads/3698-11303-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/C%3%A1ssia/Downloads/3698-11303-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 15 nov. 2021.